



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS VII – GOVERNADOR ANTÔNIO MARIZ
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS APLICADAS – CCEA
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO**

FRANCISCA DOS SANTOS LOPES

**PRÁTICAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA: O ESTUDO DE CASO DA “PADARIA
COMUNITÁRIA BOLO DAS OLIVEIRAS” EM POMBAL – PB**

**PATOS – PB
2019**

FRANCISCA DOS SANTOS LOPES

**PRÁTICAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA: O ESTUDO DE CASO DA “PADARIA
COMUNITÁRIA BOLO DAS OLIVEIRAS” EM POMBAL – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Bacharelado em
Administração do Centro de Ciências Exatas e
Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da
Paraíba/UEPB, como requisito para a obtenção
do título de Bacharel em Administração.

Área de Concentração: Desenvolvimento
Regional

Orientador (a): Profa. Ms. Eunice Ferreira Carvalho

**PATOS – PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L864p Lopes, Francisca dos Santos.
Práticas da economia solidária [manuscrito] : o estudo de caso da "Padaria comunitária bolo das Oliveiras" em Pombal - PB / Francisca dos Santos Lopes. - 2019.
49 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Eunice Ferreira Carvalho, Coordenação do Curso de Administração - CCEA."
1. Economia solidária. 2. Empreendimento solidário. 3. Mulheres. I. Título

21. ed. CDD 658

FRANCISCA DOS SANTOS LOPES

**PRÁTICAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA: O ESTUDO DE CASO DA
"PADARIA COMUNITÁRIA BOLO DAS OLIVEIRAS" EM POMBAL – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Bacharelado em Administração do Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Área de Concentração:
Desenvolvimento Regional

Aprovada em: 26/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

Eunice Ferreira Carvalho

Profa. Ms. Eunice Ferreira Carvalho (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Lucas Andrade de Moraes

Prof. Ms. Lucas Andrade de Moraes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Karen Ann Câmara Bezerra Sá

Profa. Dra. Karen Ann Câmara Bezerra Sá
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus Pai Eterno e todo Poderoso, por me proporcionar a concretização de um dos meus sonhos, a conclusão da graduação. Sei que Ele sempre esteve presente nesses meus dias de luta, guiando-me e dando-me forças para não desistir. Por meio da fé que tenho N'ele pude me manter forte e superar todos os obstáculos.

A minha mainha, Dona Maria de Fátima, que me ajudou a todo o momento, rezou por mim e me entregou sob o amparo de Maria Santa. Muito obrigada mainha, pelo seu amor, sua luta diária para ajudar-me a chegar até aqui e pela compreensão para comigo. A ti devo tudo o que sou. Prometo-te ser exemplo de filha e ainda te dar muito orgulho.

Aos meus irmãos, Franciélito, Manuel, Damiana, Fábio, Fabiano, Francisco e Danielle (*in memoriam*), que sempre me apoiaram emocionalmente e financeiramente, e que sei que estão muito felizes por mim, por está formando a primeira da nossa família. Quero que saibam que os amo demais. Peço a Deus forças para ser o orgulho de vocês e poder retribuí-los um pouco do muito que já fizeram por mim, desde que nasci. Aos que não tive tempo de dizer: Amo-te! (Danielle), peço todas as noites que Deus te guarde, e sei que agora sabe que a amei profundamente e que a amarei eternamente. De algum modo, sei que torceu por mim.

Aos meus sobrinhos, Maria Vitória, Felipe, Izabella, Maria Luiza, Davi e Maria Clara, que são bênçãos em nossas vidas e a continuação de nossa família. Amamos vocês pequenos! Que Deus os ilumine em suas caminhadas e que possam está um dia também neste mesmo lugar que estou agora, concluindo um curso que seja o sonho de vocês. Para isso, estudem e perseverem!

As minhas cunhadas, Elisângela, Valéria, Regina e Jéssica, e meu cunhado Sérgio, que desejaram comigo a concretização desse sonho. A minha madrinha Fátima, que muito rezou por mim e aconselhou-me durante essa caminhada. E a todos os demais, que verdadeiramente torceram por esta minha vitória. Gratidão a vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por me conceder o dom da vida e a sabedoria, e por cada momento proporcionado na construção deste trabalho, dando-me forças para seguir até o fim desta longa trajetória. A minha amada mainha Maria de Fátima, por todo o apoio e amor. Os meus irmãos, sobrinhos, cunhadas e cunhado, que torceram e torcem por mim.

A minha orientadora Ms. Eunice Ferreira de Carvalho e ao professor Ms. Lucas Andrade de Moraes, pela orientação, pela confiança e atenção a me dedicada na elaboração deste trabalho de conclusão de curso. Os agradeço por todo ensinamento durante minha graduação, onde contribuíram diretamente na minha formação dando-me oportunidades de participar de projetos e monitorias, bem como pelas orientações em artigos acadêmicos que muito me ajudaram a melhorar enquanto graduanda. E ainda, agradecimentos pelos ensinamentos para a vida, pelos conselhos e apoio.

A todos os outros docentes da UEPB (Universidade estadual da Paraíba) *campus* VII, com quem eu tive a oportunidade de aprender um pouco a cada dia. A todos os colaboradores do *Campus*, que de alguma maneira contribuíram para minha formação, seja prestando serviços de limpeza e segurança, seja orientando por meio de informações, ou de outros modos.

A todos os meus colegas da turma (2015.2) e todos os outros com quem compartilhei momentos em outras turmas. De modo especial, aos mais próximos: Halana Bárbara, Karinna Formiga, Pedro Henrique, Thiago Custódio, Karliene Sousa, Talita Linhares, Jamily Neves e Patrícia Mahetle. Vocês foram parte do processo de meu crescimento, e muito rimos e nos estressamos juntos. Guardarei tudo isso para sempre!

Ao grupo GEPAS e a todos que dele fazem parte, onde tive a honra de participar por alguns meses e pude aprender ainda mais. Perseverem nesse grupo! Ele é modelo de formação alternativa para discentes, futuros administradores, que buscam construir um mundo ambientalmente responsável.

Agradeço ainda, as mulheres empreendedoras que participam do Empreendimento Solidário Padaria Comunitária Bolo das Oliveiras, pela acolhida, receptividade e atenção, e, sobretudo, por terem aceitado participar da minha pesquisa. Obrigada, guerreiras!

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de modo direto ou indireto para a minha formação e para a construção deste trabalho. A palavra de hoje é gratidão!

*A Cruz Sagrada seja a minha luz, não seja o
dragão o meu guia.
Retira-te, Satanás!
Não me aconselhes coisas vãs.
É mau o que tu me ofereces, bebe tu mesmo o
teus venenos!
Amém! (Oração de São Bento)*

RESUMO

O modelo de produção capitalista que objetiva, sobretudo, a maximização do lucro, tem culminado no aumento significativo das desigualdades sociais, sendo também as mulheres afetadas diretamente por esse sistema. No entanto, observa-se nas últimas décadas o surgimento de novos modelos de produzir e comercializar de modo cooperado, a exemplo da Economia Solidária, que tem permitido a inclusão daqueles que são excluídos pelo capitalismo. Nesta perspectiva, o objetivo deste trabalho foi analisar as práticas da Economia Solidária em empreendimentos econômicos solidários, especificamente da Padaria Comunitária Bolo das Oliveiras, localizada no município de Pombal – PB. Para tanto, adotou-se um estudo qualitativo, descritivo, estudo de campo e estudo de caso onde se investigou um local específico, cujo grupo de sujeitos pesquisados se constituiu de 9 (nove) mulheres. Para a coleta de dados utilizou-se o roteiro de entrevista semiestruturado e para o tratamento destes foi previamente realizada a transcrição das entrevistas, a partir do qual se pode filtrar as informações pertinentes ao estudo. Como resultados do trabalho apurou-se que, o empreendimento constituído em sua totalidade por mulheres baseia seu gerenciamento nos princípios da Economia Solidária, sendo um importante meio de inserção e empoderamento feminino. Este se configura como instrumento de geração de renda e inclusão social de muitas mulheres, bem como impulsiona a economia local, refletida nas melhores condições de vida da população. E ainda, que este recebe apoio de muitas outras organizações, mas enfrenta desafios no seu dia a dia, sobretudo no concernente a introdução dos seus produtos no mercado para serem comercializados.

Palavras-Chaves: Mulheres. Economia Solidária. Empreendimentos Solidários.

ABSTRACT

The capitalist production model that aims, above all, to maximize profit, has culminated in a significant increase in social inequalities, and women are also directly affected by this system. However, in recent decades there has been the emergence of new models of cooperatively producing and marketing, such as the Solidarity Economy, which has allowed the inclusion of those excluded by capitalism. In this perspective, the objective of this work was to analyze the practices of Solidarity Economy in solidarity economic enterprises, specifically the Cake Bakery Community of the Olive Trees, located in Pombal - PB. For this, we adopted a qualitative, descriptive study, field study and case study where we investigated a specific location, whose group of subjects consisted of 9 (nine) women. For data collection, the semi-structured interview script was used, and for the treatment of these interviews were previously transcribed, from which the relevant information to the study could be filtered. As results of the work it was found that the enterprise constituted entirely by women bases its management on the principles of Solidarity Economy, being an important means of insertion and female empowerment. This is configured as an instrument of income generation and social inclusion of many women, as well as boosting the local economy, reflected in the better living conditions of the population. Also, that it receives support from many other organizations, but faces challenges in their daily lives, especially regarding the introduction of their products in the market to be marketed.

Keywords: Women. Solidarity economy. Solidary Enterprises.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 EMBASAMENTO TEÓRICO	11
2.1 Surgimento e difusão da Economia Solidária no Brasil e no Mundo	11
2.2 Princípios da Economia Solidária e suas características cooperativistas	13
2.3 A participação das mulheres no contexto da Economia Solidária e as Políticas Públicas	16
3 METODOLOGIA	20
3.1 Caracterização do Município de Pombal-PB	20
3.1.1 Localização do Empreendimento	21
3.2 Classificação da Pesquisa	21
3.2.1 Local da pesquisa e sujeitos pesquisados	22
3.3.2 Coleta e análise dos dados	23
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	24
4.1 Perfil sócio demográfico	24
4.2 Diagnósticos da pesquisa	26
4.2.1 Princípios solidários praticados na gestão do empreendimento solidário	26
4.2.2 Importância do empreendimento solidário para a comunidade e sua contribuição para a economia local	29
4.2.3 Incentivos externos de apoio à gestão do empreendimento solidário e os principais desafios enfrentados	32
4.2.4 A participação das mulheres no empreendimento e o empoderamento feminino	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE A: ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA	41
APÊNDICE B: FOTOS <i>IN LOCO</i>	45

1 INTRODUÇÃO

As mudanças ocasionadas pelo sistema capitalista, sobretudo no campo do trabalho, culminaram no surgimento de movimentos sociais que visavam melhorias nas condições de vida dos trabalhadores, sendo estes os mais afetados pelo processo de transformação. Dentre estes movimentos tem-se a Economia Solidária, que é apontada como maneiras diferentes de organizar a sociedade, formando grupos com a finalidade de criar uma fonte de renda e assim terem acesso a bens e serviços de qualidade e com preços justos, numa relação solidária e recíproca, possibilitando ganhos para todos.

Segundo Favareto (2000) a Economia Solidária, apesar de ser apresentada em outros termos como sócio-economia solidária, economia social ou economia popular, estes não são exatamente sinônimo, sendo que cada um deles tem suas particularidades, mas que têm em comum a maneira como apontam as formas de organizar a produção e a comercialização, baseados nos princípios solidários. Portanto, a Economia Solidária e seus princípios solidários da autogestão, democracia, cooperação, solidariedade e respeito ao meio ambiente (SINGER, 2002) se configura como uma alternativa ao capitalismo, onde se busca a minimização dos problemas sociais através da inclusão dos que acumulam desvantagens no sistema.

Neste contexto de lutas sociais dos trabalhadores em busca de melhores condições de vida, são incluídas também as mulheres, que ao longo da história foram discriminadas e apontadas como responsáveis pelo trabalho doméstico e cuidado com os filhos, e sendo assim, visualizadas muitas vezes como incapazes de atuarem no mercado de trabalho. Porém, a Economia Solidária por meio de EES (Empreendimentos Econômicos Solidários)¹ buscou envolver o gênero feminino, de modo que a mulher pudesse desenvolver suas habilidades e competências. Esta se apresenta como alternativa de transformação para as pessoas que estão sujeitas a discriminações, configurando-se assim como um modelo de resistência.

Para que se construa uma Economia Solidária é necessário também o desenvolvimento da equidade de gênero, que permita um relacionamento entre homens e mulheres diferentes do modo capitalista, em que as mulheres passam a ser vistas como membros dotados de direitos e deveres. Pode-se dizer então que, nos EES anseios individualistas são deixados para trás e são construídas relações solidárias, inclusive na perspectiva de oportunidades no mercado de trabalho para a mulher.

¹ Empreendimentos Econômicos Solidários são negócios geridos tendo por base os princípios da Economia Solidária, onde pessoas se juntam para produzir e comercializar de modo cooperado (SINGER, SILVA & SCHIOCHET, 2014).

Tem-se ainda que, as políticas públicas constituem importantes ferramentas para a disseminação da Economia Solidária e inclusão da mulher, de modo que a ação do Estado deve ser estratégica na busca da diminuição das desigualdades de gênero na sociedade. Ressalta-se ainda a presença de muitos empreendimentos solidários no estado da Paraíba, onde estes estão espalhados nas várias cidades paraibanas e sendo responsáveis por agregar muitas mulheres que exercem uma diversidade de atividades (PARAÍBA, 2014).

Como objetivo central deste estudo tem-se analisar as práticas da Economia Solidária em Empreendimentos Solidários, especialmente na Padaria Comunitária Bolo das Oliveiras, localizado na comunidade de Várzea Comprida dos Oliveiras no município de Pombal – PB, e por objetivos secundários: a) traçar o perfil sócio demográfico das mulheres participantes do empreendimento solidário; b) identificar os princípios solidários praticados na gestão do negócio; c) mostrar a importância do empreendimento solidário para a comunidade e como este favorece a economia local; d) identificar os incentivos externos de apoio a gestão do empreendimento solidário; e) apontar quais os desafios e as dificuldades vivenciados no empreendimento; e f) identificar como a participação das mulheres no empreendimento pode favorecer o empoderamento.

Com a finalidade de possibilitar uma melhor compreensão do estudo, este foi dividido da seguinte maneira: inicialmente tem-se a introdução, relatando-se o contexto do campo da Economia Solidária e como os Empreendimentos Econômicos Solidários tem dado abertura para o gênero feminino adentrar o mercado de trabalho.

Subsequente, segue o referencial teórico com indicações de autores que foram consultados para dar base ao estudo, expondo-se sobre o surgimento e a difusão da Economia Solidária pelo mundo, pelo Brasil e no estado da Paraíba, e os seus princípios, bem como o envolvimento das mulheres nesse movimento e a importância das políticas públicas para o incentivo ao gênero feminino.

Posteriormente, apresentou-se a metodologia aplicada na pesquisa, descrevendo-se as características econômicas do município de Pombal-PB e a localização do empreendimento estudado. Na seção em sequência, tem-se a análise dos resultados, sendo traçado o perfil sócio demográfico do grupo investigado e em seguida são apresentadas as respostas obtidas para cada objetivo pré-estabelecido. E por fim, têm-se as considerações finais, seguidas das referências com as obras consultadas durante o estudo.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1 Surgimento e difusão da Economia Solidária no Brasil e no Mundo

A Revolução Industrial foi a fase de ascensão do capitalismo, período em que a mão de obra artesã foi substituída por maquinarias, sendo a classe de trabalhadores operários bruscamente afetada. Ocorria então pelo mundo a intensificação das desigualdades sociais proporcionada pelo gradativo aumento do desemprego, que levou a altos índices de miserabilidade e êxodo rural. Percebia-se a construção de uma sociedade marcada pela competição e pelo individualismo, onde poucos tinham privilégios, sendo estes os grandes proprietários dos negócios, e muitos ficavam expostos a condições precárias de vida.

Este cenário fez surgir pelos vários países pessoas em defesa da classe de operários, que tiveram suas vidas modificadas a partir da introdução de um novo modelo de produção que objetivava, sobretudo, a maximização do lucro. Dentre estas, estava o britânico Robert Owen, que se propunha a mostrar que era possível alinhar lucratividade a boas relações de trabalho. Este foi o primeiro a incentivar a criação de Aldeias Cooperativistas que acolhessem os mais pobres (SINGER, 2002). Dava-se início a luta dos trabalhadores contra o sistema capitalista e seu modo de atuação, sendo que seu auge ocorreu na década de 1830, marcado pelas primeiras ideias revolucionárias da Economia Solidária que foram o espelho para o surgimento de cooperativas e sindicatos mundialmente.

Como primeira cooperativa tem-se a Cooperativa dos Pioneiros Equitativos de Rochdale, sendo considerada mãe de todas as outras que surgiram posteriormente. Esta foi constituída no ano de 1844, em um centro têxtil localizado no norte da Inglaterra, composta por 28 operários que objetivavam apoiar outros empreendimentos que tinham por propósito o trabalho coletivo (SINGER, 2002). Essa experiência deu início e sentido ao movimento da Economia Solidária. Para Lechat (2002, p.5) “a cooperativa dos Pioneiros Equitativos de Rochdale, estabeleceu uma carta de princípios que até hoje inspira o cooperativismo e sua legislação a nível mundial”, sendo então aspectos da Economia Solidária que embasam a gestão dos Empreendimentos Econômicos Solidários.

Percebia-se então a formação de muitos outros sindicatos e cooperativas em diversos países pelo mundo, sendo estes constituídos principalmente como resposta dos operários defasados pelas condições precárias impostas pelos detentores de capital, os chamados

empregadores. Lima (2004) aponta a França e a Itália como os países que conseguiram manter de modo significativo o movimento cooperativista durante o século XX.

Portanto, a Economia Solidária: “[...] surge como modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho” (SINGER, 2000, p.113). É ainda apontada como “outro modelo econômico, voltado para a garantia do bem-estar e não do lucro [...]” (FARIA, 2011. p. 42). Logo, esta é compreendida não apenas como meio para a geração de renda, mas também como uma fonte de fortalecimento para os laços da solidariedade, cooperação, produção e consumo partilhados, visando a construção de uma sociedade mais inclusiva. Para Lisboa (2003, p.277) é caracterizada em uma proposta:

Contrária a prática funcional capitalista, sendo, portanto, transformadora do sistema vigente. A Economia Solidária não se resume a ser uma alternativa de combate ao desemprego, mas vai mais longe, configurando, através de práticas-propositivas, uma negação da economia e da sociabilidade capitalista, pois gesta em seu ventre uma vontade transformadora da sociedade contemporânea.

Concernente ao surgimento da Economia Solidária no Brasil, esta adentrou o país em meados do século XX e em forma de cooperativismo. Ressurgiu, sobretudo, em meados dos anos 1970, impulsionada pelas crises estabelecidas mundialmente no cenário de produção e em meio aos movimentos em busca da concretização da democracia. Gomes (2005) aponta a região do Nordeste como pioneiro no surgimento do cooperativismo, onde se constituía uma “possibilidade de organização social e de alternativa econômica dos trabalhadores brasileiros” (GOMES, 2005, p.19).

Na difusão desse movimento pelo país, contou-se com o apoio de muitos grupos, destacando-se a Cáritas Brasileira, que é tida desde os anos 1980 como a organização que apoia os empreendimentos solidários por meio do fornecimento de crédito e do apoio técnico e político. Pinto (2006) menciona ainda o papel desempenhado pelas universidades brasileiras, que através de projetos de extensão vem estimulando os Empreendimentos Econômicos Solidários nas diversas regiões do país.

As ações desenvolvidas por estes grupos incentivadores ao longo dos anos voltaram-se a integrar os pobres, que foram atingidos diretamente pelas crises, fase em que a exclusão social intensificou-se. Muitas empresas faliram em decorrência desses eventos e outras que estavam a ponto de fechar suas portas, eram tomadas por seus trabalhadores que passavam a administrá-las por meio de cooperativas de autogestão. Isso fez emergir pelo país e em suas

diferentes regiões movimentos em Economia Solidária, que culminaram na abertura de muitos empreendimentos.

Sendo o Nordeste apontado como pioneiro do cooperativismo, tem-se a Paraíba como um de seus estados aonde o movimento solidário vem se fortalecendo e consolidando-se como fonte de desenvolvimento socioeconômico. Evidencia-se a Economia Solidária nos vários ramos de atividades, especialmente na chamada agricultura familiar. Percebem-se importantes conquistas neste campo no estado paraibano, a exemplo da confecção do Plano Estadual de Economia Solidária, que se configura como fonte de apoio ao EES. Este destaca os empreendimentos solidários voltados à produção e comercialização, que vem se constituindo como meio de obtenção de renda de muitas famílias na região (PARAÍBA, 2014).

Ressalta-se ainda que, no Brasil diversos autores tratam da temática da Economia Solidária, visualizando-se uma possibilidade de transformação social e econômica. Como um desses autores destaca-se Paul Singer, no qual em uma de suas obras intitulada “Introdução a Economia Solidária” o autor retrata o percurso do surgimento da Economia Solidária pelo mundo. Evidencia ainda os princípios solidários da Autogestão, Democracia, Solidariedade e Cooperação, sendo estes os princípios básicos presentes nos EES.

2.2 Princípios da Economia Solidária e suas características cooperativistas

A Economia Solidária salienta a importância da participação de todos para que se possa construir uma sociedade mais justa e solidária, sendo esta característica manifestada por meio dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) que são responsáveis por atividades econômicas que produzem bens e serviços.

Conforme Melo Lisboa (2005), um empreendimento é solidário quando em detrimento de uma perspectiva social não visa a maximização dos lucros. Portanto, praticam os princípios solidários que são a base para o desenvolvimento dos EES, podendo ser esse novo modo de produzir coletivamente concretizado de diferentes formas, sejam por meio de associações, cooperativas, clubes de troca, dentre outros. Estes princípios são: a Autogestão, a Democracia, a Cooperação e a Solidariedade.

O princípio da autogestão é notado no modo de administrar os empreendimentos solidários. Esta é definida por Albuquerque (2003, p. 20), como:

[...] conjunto de práticas sociais que se caracteriza pela natureza democrática das tomadas de decisão, que propicia a autonomia de um "coletivo". É um exercício de poder compartilhado, que qualifica as relações sociais de cooperação entre pessoas e/ou grupos, independente do tipo das estruturas organizativas ou das atividades, por expressarem intencionalmente relações sociais mais horizontais.

Para Singer e Souza (2000) esta é a principal diferenciação entre esses dois tipos de empresas. Enquanto que a empresa solidária adota a autogestão, em que todos os seus sócios participam democraticamente, sendo estes informados sobre todos os processos inerentes a organização, a empresa capitalista baseia-se na apropriação privada, praticando então a heterogestão, de forma hierarquizada, o que pode gerar competitividade entre os próprios membros que compõem a organização.

Para os empreendimentos solidários a autogestão é uma característica primordial, onde as ações são em prol do bem estar da coletividade. As ordens surgem de baixo para cima e a existência de uma assembleia constituída de todos os que fazem parte do empreendimento com poder de voto e participação nas tomadas de decisões evidencia o princípio da democracia.

Os princípios da cooperação e da solidariedade também se configuram como instrumentos importantes para a gestão dos EES. Portanto, “a solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada igualitariamente pelos os que se associam para produzir, comercializar, consumir ou poupar. A chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais” (SINGER, 2002, p.9-10). Na solidariedade e na cooperação existente nesses empreendimentos tem-se a união dos membros para a produção de bens e serviços, onde os ganhos e os prejuízos adquiridos são de responsabilidade de todos.

Além destes princípios outros podem ser evidenciados no gerenciamento de atividades desenvolvidas nos EES, como a geração de renda, inclusão social e responsabilidade ambiental. Estas são outras possibilidades proporcionadas aos que fazem parte do movimento da Economia Solidária, onde podem enfrentar as precárias condições impostas pelo sistema capitalista. Para Oliveira (2004, p.26):

[...] possibilita aos trabalhadores/as o enfrentamento a lógica de produção capitalista, à exploração, à exclusão, através de uma forma de organização na qual não há separação entre capital e trabalho, onde os produtores acessam aos meios de produção, conhecem todo o processo e além de produzirem gerenciam seu trabalho e usufruem os resultados do mesmo.

A geração de renda se dá pelo acesso as condições econômicas que os indivíduos necessitam para suprir suas necessidades, sendo que pelo trabalho coletivo conseguem produzir melhor e em maior quantidade, o que possibilita também a inclusão social por meio

da participação de todos, sem discriminação de raça, origem ou gênero. Nessa perspectiva, ressalta-se a inclusão da mulher nos processos que envolvem os empreendimentos solidários, onde estas atuam como idealizadoras e gestoras.

No concernente a responsabilidade ambiental propiciada na Economia Solidária, esta é notória principalmente na agricultura familiar, sendo que os agricultores zelam pelo meio ambiente quando não fazem uso de agrotóxicos e entendem a importância do cuidado com a natureza como garantia de insumos para a produção em longo prazo.

Ressalta-se ainda, que o movimento da Economia Solidária difundido nas diversas regiões do mundo teve por base a chamada cooperativa dos Pioneiros Equitativos de Rochdale, que é considerada a primogênita (SINGER, 2002). Foi a partir desta que emergiu os vários modos de cooperativismo, como: os de crédito, os de produção, os de compras e vendas, e os chamados clubes de trocas. Todos estes partem da premissa de que o modo de produção, de comercialização e de poupança deve ser coletivo, e ainda adotam uma série de princípios.

Santos e Rodriguez (2002) elencam sete princípios a partir da Cooperativa de Rochdale, que são responsáveis por orientar o gerenciamento das cooperativas por todo o mundo, sendo eles: adesão de novos membros de modo voluntário, participação de todos os envolvidos por meio do voto (aspecto democrático), participação econômica de todos, independência de outras organizações e do Estado, educação como meio para a participação efetiva dos indivíduos, ajuda mútua entre as cooperativas e contribuição para o desenvolvimento local. Todos esses elementos formulados apontam o caminho a ser seguido para que se possa produzir e comercializar de maneira cooperada.

No cooperativismo de Crédito, tem-se que este é constituído por poupadores que juntos fornecem crédito para os que fazem parte do grupo, sendo que todos têm seus direitos e deveres garantidos. No que se refere ao cooperativismo de Compras e Vendas, estes são formados por pequenos e médios produtores que buscam juntos garantir um ganho de escala. No concernente as cooperativas de Produção, apontada por Singer (2002) como protótipo de empresa solidária, buscam a oferta direta de produtos no mercado possibilitada pela associação dos produtores. Já os Clubes de Trocas, invenções mais recentes, são formados com o objetivo de promover encontros entre indivíduos que desejam comprar ou vender bens e serviços. Nesse tipo de empreendimento solidário, evidenciam-se os ganhos econômicos e sociais possibilitados pelo relacionamento construído entre seus membros (SINGER, 2002).

Logo, todos esses elementos propostos pelos princípios e os modelos de empreendimentos apontados pela Economia Solidária, reafirmam a consolidação de um

modelo alternativo possível ao Capitalismo, no qual as pessoas podem coletivamente viver em melhores condições. Nesta perspectiva, ressalta-se a inclusão da mulher no mercado de trabalho através das práticas de Economia Solidária, onde ocorre a luta pela equidade de gênero e a valorização da mulher por meio do empoderamento possibilitado ao grupo pela participação e gestão em Empreendimentos Econômicos Solidários.

2.3 A participação das mulheres no contexto da Economia Solidária e as políticas públicas

Ao longo da evolução da sociedade percebe-se que o papel direcionado a mulher voltava-se aos afazeres domésticos e cuidados com os filhos, onde esta sempre esteve diretamente relacionada ao poder de dominação do homem. Evidencia-se que se construiu uma dualidade: de um lado, o homem forte e dominante da mulher; e do outro, a mulher fragilizada e dominada. Isso gerou constantes desigualdades que são evidenciadas até a atualidade, sobretudo no mercado de trabalho onde predomina o capitalismo.

Às mulheres são destinadas as precárias condições de trabalho, sendo estas em sua maioria informais, com baixos salários e com condições trabalhistas deficitárias. Isso se configura como uma desigualdade de divisão sexual de trabalho, pautada conforme Saffioti (2004) num regime de dominação-exploração, do gênero masculino sobre o feminino.

Apesar destas imposições, observa-se nas últimas décadas um fortalecimento do gênero feminino em decorrência das transformações culturais e políticas. Segundo Lima e Lacerda (2018) foi a partir da Constituição Federal de 1988 que, no Brasil, os direitos das mulheres passaram a ser reconhecidos. Outro ponto culminante nessa luta foi a inserção da mulher no campo acadêmico e em debates feministas evidenciados nos últimos anos. Embora se perceba uma mudança no mercado de trabalho, tem-se que as mulheres passam a assumir uma jornada dupla de atividades, sendo estas ligadas a vida doméstica e a carreira profissional, assim como confirma Carrasco (2003, p.37):

Com a crescente participação feminina no mercado de trabalho e a resposta social masculina nula a essa mudança de cultura e comportamento das mulheres, elas assumirão a dupla jornada e o duplo trabalho, deslocando-se continuamente de um espaço a outro, superpondo e intensificando os seus tempos de trabalho. Tempos que vêm determinados, por um lado, pelas exigências da produção mercantil e, por outro, pelas exigências naturais da vida humana.

Apesar destes fatores, a mulher ainda é vista como inferior ao homem nas suas atividades profissionais, sendo visualizadas como sujeitos secundários e que no campo do

trabalho só devem realizar atividades que requerem habilidades tidas como “femininas.” Porém, tem-se que o fortalecimento da luta das mulheres tem culminado nos últimos anos, no Brasil e em diversos outros países, no surgimento de empreendimentos capitalistas idealizados e geridos por mulheres, fato explicado pelo investimento feito por estas nas suas formações profissionais, o que fez com que ganhassem espaço dentro e fora das organizações (BRUSCHINI, 2000).

No Brasil, as mulheres são as responsáveis pelo surgimento de novos empreendimentos nos últimos anos, e dados do ano 2014 da *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) apontaram que cerca de 52% dos novos empreendedores que surgiam pelo país eram do gênero feminino. Tem-se também que, vários são os motivos que levam as mulheres a empreender, a exemplo de uma oportunidade que visualizam no mercado ou pela necessidade da geração de renda. Assim sendo, o empreendedorismo tem se configurado como importante alternativa para a inclusão do gênero feminino no mercado de trabalho capitalista.

Contudo, são notórios os resquícios da desigualdade de gênero impregnada desde as raízes da história onde a mulher ainda é discriminada, apesar de destacar-se como uma empreendedora no mundo capitalista. Nisso, a disseminação de empreendimentos econômicos solidários que tem a inclusão social como um de seus princípios, levou as mulheres a se engajarem nesse tipo de negócio, onde estas têm seus talentos reconhecidos. É então a partir das novas alternativas econômicas que surgem, sobretudo no campo da Economia Solidária, que o gênero feminino vem encontrando seu lugar no mercado e sendo valorizado por suas habilidades e conhecimentos.

Conforme Cruz (2014) foi a partir dos anos 1990 que as mulheres passaram a buscar o acesso à renda e a lutar para conquistar sua independência financeira, e foi também neste período que se tornou evidente o fortalecimento do trabalho coletivo, pois ocorria um crescente aumento dos índices de desemprego e das interações de trabalho onde se fazia necessário atuar em conjunto. Isto também propiciou a presença das mulheres de modo mais evidente nos empreendimentos econômicos solidários.

Enquanto políticas públicas voltadas a Economia Solidária, Singer (2004) afirma que no Brasil se tem por marco o ano de 2003 onde foi aprovada a criação da Secretária Nacional de Economia Solidária (SENEAS), que tem por objetivo apoiar e incentivar as práticas de ES no país. Conforme dados desta secretaria, nos anos de 2005-2007, após avaliar a participação de homens e mulheres em Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), identificaram que

a maioria destes (73%) eram constituídos de grupos formados por homens e mulheres, 18% só por mulheres e 9% apenas por homens.

Já no ano de 2016, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) apontou que, de modo geral, 43,6% dos EES no Brasil eram formados e geridos por mulheres e 56,4% por homens. Ressalta-se que, elas são responsáveis pelos empreendimentos ditos como informais, e que, portanto, não envolvem aspectos burocráticos. Esses levantamentos confirmam o fato da Economia Solidária promover a inserção da mulher no campo de trabalho, remetendo a participação considerável destas na abertura e consolidação dos EES.

No que diz respeito ao estado da Paraíba e de acordo com o Plano Estadual de Economia Solidária paraibano de 2014, em 2007 foi identificados um total de 670 EES no estado, no qual 57.000 trabalhadores (as) estavam envolvidos e sendo cerca de 47% mulheres. Já no ano de 2013, são apontados aproximadamente 416 Empreendimentos Solidários, no qual faziam parte cerca de 14.000 trabalhadores, sendo 51,4% deste grupo constituído de mulheres (PARAÍBA, 2014).

Ainda segundo o plano, a predominância da localização dos empreendimentos é na zona rural (64% em 2013) e a zona urbana apresenta 28%. Já os 8% restantes intercalam-se entre a zona rural e urbana. Outro dado evidenciado é que quanto a forma de organização desses negócios, há uma representatividade significativa de associações (58% em 2007) e 49% em 2013. Embora tenha ocorrido uma diminuição deste tipo de empreendimento solidário (associação), estas ainda predominam.

Especificamente, merece destaque as atividades desenvolvidas na zona rural, que buscam uma participação ativa dos membros das comunidades, com incentivo a inclusão de gênero e gerações. Conforme Cruz *et. al.* (2018) se pode então destacar a criação dos bancos comunitários de sementes, das unidades que beneficiam a produção, dos grupos de vendas para programas específicos, a exemplo do Programa de Aquisição de alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), dentre outros. Todos estes dados evidenciados apontam a participação significativa das mulheres no campo de trabalho, nos diversos ramos de atividades e empreendimentos solidários, o que reafirma a Economia Solidária como instrumento para a inclusão do gênero feminino no mercado de trabalho.

Concernente às políticas públicas na Economia Solidária voltadas especificamente à mulher, esta desperta o interesse dos indivíduos a fim de identificar a participação do Estado na construção de uma sociedade baseada na equidade de gêneros. Lima e Lacerda (2018) afirmam que, as políticas públicas devem se voltar aos setores precários da sociedade que estão vulneráveis e em situação de risco e assim efetivar os direitos dos cidadãos, impulsionar

o desenvolvimento da região, bem como gerar emprego e renda por meio de alternativas. Revela-se então, a fragilidade das mulheres na sociedade, onde estas necessitam serem apoiadas em iniciativas que gerem melhorias nas suas condições de vida socioeconômica. As autoras ainda apontam que:

[...] a função do Estado democrático de direito é a de formular, implantar e implementar estratégias, ações e políticas públicas capazes de garantir o enfrentamento e a erradicação da pobreza, das desigualdades sociais e das desigualdades de gênero na sociedade, sobretudo ampliar a participação social e política das mulheres, fundamentalmente, estimular a autonomia delas. (LIMA e LACERDA, 2018, p. 135)

Portanto, o papel desempenhado pelo Estado frente a discriminação sofrida pelas mulheres na sociedade é primordial para o enfrentamento do problema. Este tem a função de criar mecanismos de inserção da mulher nos diversos setores sociais, sendo sua atuação frente a participação do gênero feminino nos empreendimentos econômicos solidários determinante para a promoção da minimização das desigualdades sociais e de gênero. Salienta-se a necessidade de desenvolver o princípio da valorização da mulher, onde estas possam ser reconhecidas e respeitadas na sociedade.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização do município de Pombal-PB

O município de Pombal foi criado pela Lei de nº 2.076 de 30 de Abril de 1959 e está situado ao oeste do Estado da Paraíba. Faz parte da Mesorregião do Sertão Paraibano e da Microrregião de Sousa, possuindo uma área de aproximadamente 666,7 km², inserido na Bacia Hidrográfica do Rio Piranhas.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), o município tinha população total de 31.954 habitantes, sendo 23.614 destes residentes na zona urbana e 8.340 residentes na zona rural. Estes são chamados de Pombalenses. Limita-se ao norte com os municípios de Paulista, Lagoa e Santa Cruz; ao sul com Coremas, Cajazeiras, São Bento do Pombal e São José da Lagoa Tapada; ao leste com Condado; e ao oeste com os municípios de São Aparecida e São Francisco.

O acesso à cidade é feito por meio da BR-230 da capital paraibana João Pessoa até a cidade de São Bento do Pombal e logo depois a BR-325 é quem possibilita a chegada ao município. Concernente a economia do município de Pombal, tem-se que esta é influenciada por uma série de atividades econômicas desenvolvidas na cidade, a exemplo da agropecuária e da indústria de pequeno porte. Segundo dados do IBGE a renda per capita do município era de 11.217, 86 reais no ano de 2016. No ano de 2017, tem-se que atuavam na cidade cercam de 659 empresas, nos mais variados ramos de atividades. (IBGE, 2017).

Segundo Sousa (1999) o município relaciona-se comercialmente com as cidades circunvizinhas, o que facilita a compra e venda de bens e serviços. Ainda conforme o autor, esse relacionamento comercial é considerado forte com alguns municípios como Patos e Sousa. Alguns produtos como o feijão macassar, o milho, o leite, e frutas como a banana são representativos na região, sendo estes derivados da agropecuária e da agricultura desenvolvidas no município, o que costuma chamar a atenção de compradores de cidades e estados vizinhos. Esses fatores explicam o fato da cidade de Pombal ser apontada como uma fonte de força de polarização.

O município é ainda considerado desde o ano 1996 como uma das maiores bacias leiteiras do estado da Paraíba, isto devido a presença de várias queijeiras espalhadas por toda a cidade, produzindo diversas mercadorias que são comercializadas por todo o Estado. Pombal também se destaca pela criação de ovinos (SOUSA, 1999). Todos esses fatores

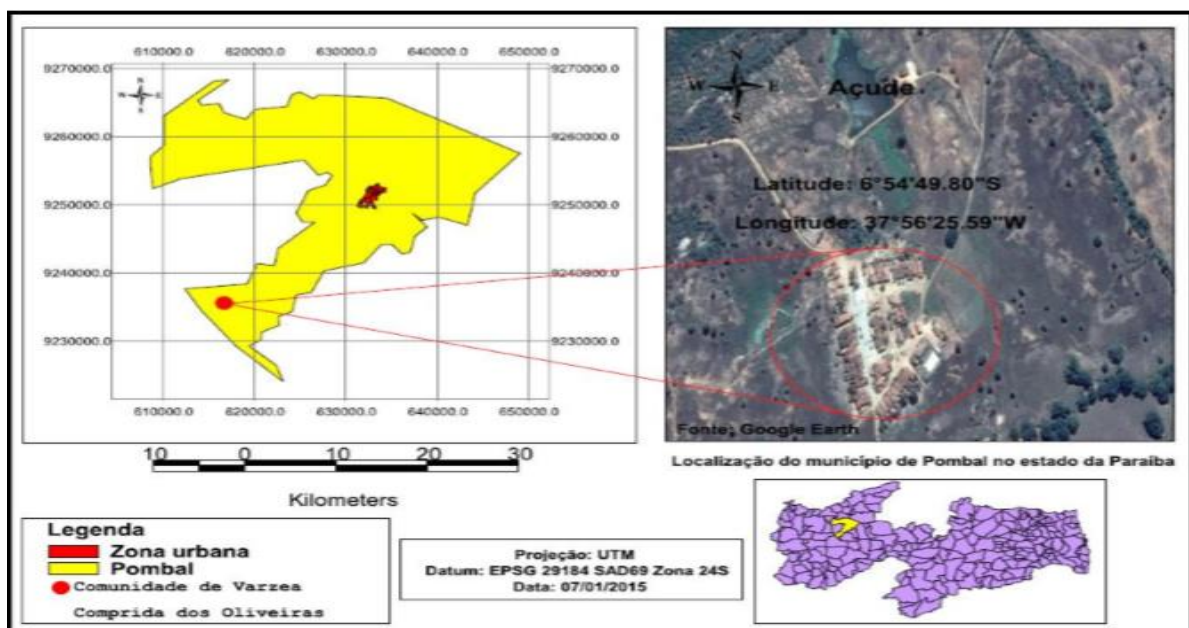
favorecem a economia do município que tem significativa representatividade no território paraibano.

3.1.2 Localização do Empreendimento

A comunidade de Várzea Comprida dos Oliveiras é um das muitas que compõem a zona rural do município de Pombal-PB, tendo esta sido escolhida como objeto de estudo pelo seu destaque a nível nacional e regional, por ser a primeira comunidade a sediar uma padaria comunitária fundada e gerida por um grupo de mulheres.

Esta está localizada a cerca de 11 km de distância da cidade de Pombal-PB, limitando-se com as comunidades vizinhas de Carnaúba (ao Norte), com Paula (ao Sul) com Açude Velho (ao Leste) e com Bezerra Amarrado (ao Oeste). O acesso até a comunidade é possibilitado por uma estrada de terra ou através da BR 230 (IBGE, 2010). Abaixo se pode identificar através de um mapa sua localização (Figura 1).

Figura 1: Localização da Comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras



Fonte: Elaborado por Nayara Vieira Formiga (2015)

3.2 Classificação da pesquisa

O estudo pode ser entendido como uma pesquisa qualitativa. Esta é qualitativa por buscar investigar e compreender as interações vivenciadas num ambiente natural por meio da análise dos dados obtidos, valorizando a percepção dos aspectos individuais e coletivos (GIL,

1999). Conforme Gil (1999) a pesquisa se constitui também como descritiva onde se busca a construção de intermediações entre as variáveis, descrevendo características da população investigada.

Classifica-se ainda como um estudo de caso onde se procurou analisar uma realidade dentro do contexto de um grupo específico. Para Yin (2001) o estudo de caso é empírico, pois estuda um fenômeno da vida real. É ainda um estudo de campo, que conforme Zanella (2009) se constitui numa pesquisa realizada num ambiente veraz aonde o pesquisador vai a campo.

3.2.1 Local da pesquisa e sujeitos pesquisados

O Empreendimento Solidário de nome Padaria Comunitária Bolo das Oliveiras está localizado na zona rural do município de Pombal – PB, na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras. Este foi formalmente fundado e inaugurado em 22 de setembro de 2016, embora anteriormente a isto o grupo de mulheres já trabalhasse coletivamente na informalidade em outro espaço cedido de modo provisório.

O grupo que compõe o empreendimento nos dias atuais é de 19 (dezenove) mulheres, sendo todas residem na própria comunidade, sendo que duas destas estão afastadas por tempo determinado e por motivos particulares. Logo, estão atuando no momento 17 (dezessete) mulheres e esta foi a população considerada para fins deste estudo. Tem-se, portanto que, do grupo total foram investigadas 9 (nove) mulheres, o que corresponde a aproximadamente 53% da população total.

Ressalta-se que o empreendimento foi visitado no dia 11 de Setembro de 2019, sendo entrevistadas as mulheres que se encontravam no estabelecimento nesta data e que voluntariamente optaram em participar do estudo. O fato de não estar presente todo o grupo no momento em que foram realizadas as entrevistas e observações, justifica-se por as mulheres trabalharem no empreendimento por escala, o que não permite que todas estejam no local nos mesmos dias e horários.

Conversou-se com a presidente do EES a fim de obter informações pertinentes ao empreendimento, tido sido esta também analisada de modo particular, como membro do negócio. E ainda, descartou-se a possibilidade de outra visita subsequente ao empreendimento por se ter percebido uma repetição nas respostas das investigadas, o que tornou desnecessário continuar entrevistando as outras mulheres que compõem o grupo.

3.3.2 Coleta e análise dos dados

Como instrumento para a coleta de dados utilizou-se de roteiro de entrevista semiestruturado, o que permite ao pesquisador indagar os analisados acerca de outras questões que entenda como cabível para obter os dados necessários para o estudo, e, portanto, pode ocorrer de serem perguntados outros pontos que não foram previamente estabelecidos (GIL, 1999).

As mulheres concederam entrevistas à pesquisadora, o que foi primordial para o processo de investigação. Conforme Cervo & Bervian (2002) a entrevista é um recurso que possibilita uma conversa face a face, entre pesquisador e pesquisado e que permite obter informações sobre determinados assuntos. Do grupo investigado, todas consentiram a gravação de seus depoimentos, sendo assinados os termos pertinentes. As entrevistas foram então gravadas e posteriormente transcritas pela própria pesquisadora, permitindo a fiel reprodução das falas das analisadas.

A análise dos dados se deu por meio da análise de discurso que para Vergara (1997) é um método que tem como aspecto indispensável a transcrição de entrevistas na íntegra. Em seguida, os dados foram utilizados para gerar percentuais que estão descritos no decorrer da análise dos resultados e que foram produzidos como o auxílio do Microsoft® Office Excel, bem como foram filtrados os dados necessários para responder aos objetivos que foram estabelecidos previamente.

Pode-se dizer ainda que ocorreu uma observação *in loco*, onde a pesquisadora pode também verificar a realidade vivenciada pelo grupo e então relatar suas impressões a partir do que foi visualizado. Ressalta-se também que, para manter o anonimato das mulheres investigadas, a pesquisadora utilizou-se de pseudônimos para nomear as entrevistadas no decorrer das análises.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seguir serão apresentados e analisados os resultados obtidos no estudo através de entrevista utilizando-se um roteiro semiestruturado. Inicialmente será abordado o perfil sócio demográfico do grupo analisado, e posteriormente, serão apresentados os diagnósticos do estudo e a análise dos resultados obtidos conforme os objetivos estabelecidos.

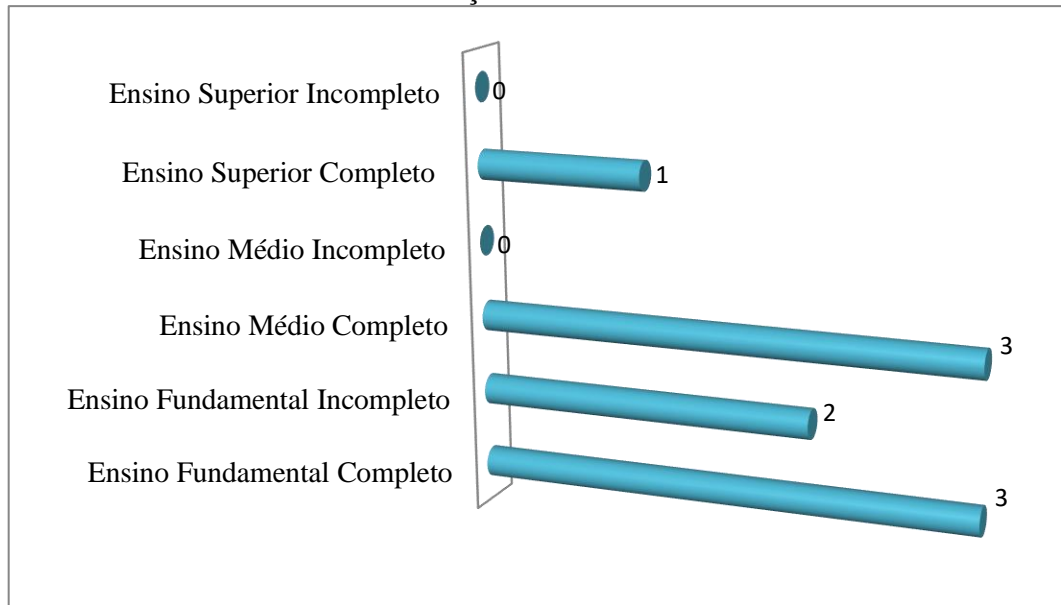
4.1 Perfil sócio demográfico

Conforme os dados obtidos, tem-se que todo o grupo participante da pesquisa reside na localidade e afirmam estar àquela localização desde a infância. Tem-se ainda que todas as entrevistadas são do sexo feminino, o que é justificado pelo fato do grupo ser constituído em sua totalidade de mulheres. Sousa (2014) aponta que é essencial evidenciar o papel da mulher em atividades que podem ser comuns e exercidas por homens, e que, portanto, estas podem ter uma jornada dupla enquanto donas de casas e trabalhadoras.

Apurou-se ainda que, em sua maioria (84%) do grupo estão desde o início participando do empreendimento, verificando-se também que todas as mulheres analisadas tem como atividade secundária a produção de hortaliças agroecológicas, o que corrobora com o apontamento feito por todas as observadas de que essa atividade é tida como base econômica da comunidade.

Concernente a idade, obteve-se um percentual de 56% com idades entre 39 a 47 anos, e 38% com idades entre 30 a 38 anos, e a representatividade de respondentes com faixa etária entre 48 a 56 anos de idade foi de um percentual de 6%. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) os indivíduos brasileiros nessa faixa etária de idade ainda representam o maior índice da força de trabalho.

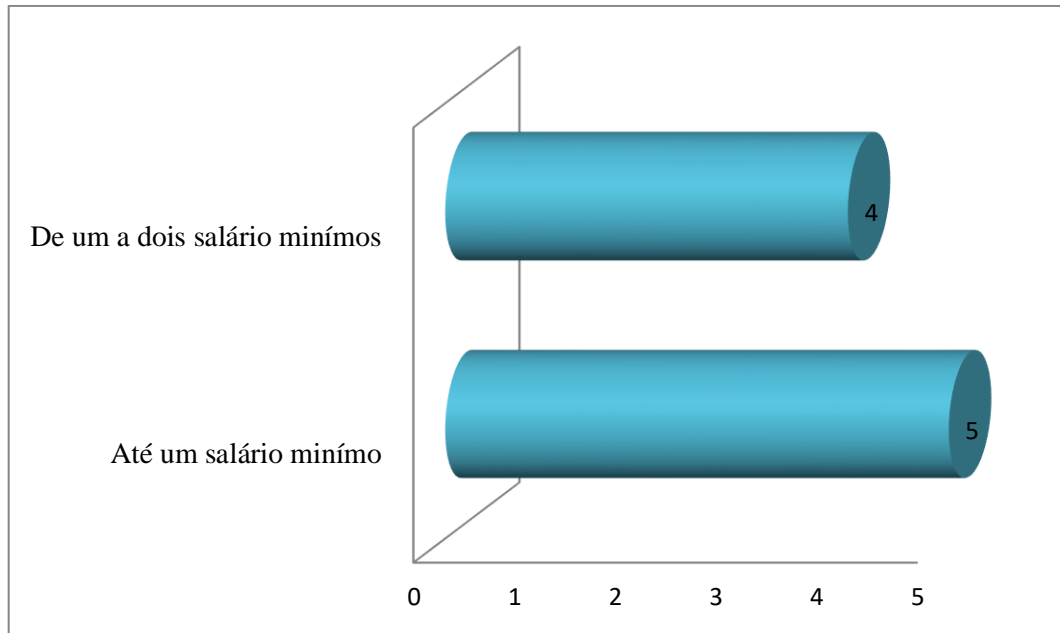
Quanto ao nível de formação escolar, teve-se que 34% concluíram o ensino fundamental, enquanto um percentual significativo (32%) não o concluiu. Algumas participantes têm o ensino médio completo (33%) e os 1% restantes afirmaram ter ensino superior concluído (Gráfico 1). A região nordeste é onde se observa os níveis de escolaridade mais baixos (IBGE, 2010), o que pode justificar o fato das entrevistadas terem em sua maioria o ensino fundamental. Quando considerado aquelas cuja formação é o ensino médio completo, se pode dizer que a escolaridade destas mulheres é consideravelmente positivo.

Gráfico 1: Formação Escolar das Entrevistadas

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados obtidos (2019)

No que se refere ao estado civil das mulheres investigadas, 56% destas são casadas e 44% são solteiras. Ao serem perguntadas se tinham filhos, em sua maioria (78%) afirmaram ter. Quando investigado a quantidade de filhos de cada uma destas mulheres, percebe-se que varia entre 1 (um) filho (44%) e 2 (dois) filhos (56%). Silva (2011) afirma que as atividades econômicas desenvolvidas na zona rural são marcadas pela inserção de todos os membros de uma família. Portanto, pode-se dizer que há forte tendência de que os filhos destas mulheres que compõem o grupo, sendo estes do gênero feminino, possam vir a fazer parte do empreendimento futuramente.

Ao analisar a renda mensal obtida em salários mínimos, averiguou-se que um percentual de 56% das investigadas obtêm uma renda de aproximadamente até 1 (um) salário mínimo, enquanto as restantes (44%) afirmaram que suas rendas é de até 2(dois) salários mínimos mensal, o que configura num baixo rendimento. Este fato corrobora com o apontamento feito por Formiga (2015) quando esta afirma que as mulheres brasileiras e de baixa renda muitas vezes precisam desenvolver atividades que complementem a renda familiar. Os dados descritos podem ser observados no Gráfico abaixo (Gráfico 2).

Gráfico 2: Renda Familiar Mensal das Entrevistadas

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados obtidos (2019)

Portanto, os resultados apurados indicam que as mulheres que participam do empreendimento econômico solidário são em sua maioria senhoras com uma média formação escolar. Estas em sua maior representatividade tem filhos e uma renda mensal familiar variável entre 1(um) e 2(dois) salários mínimos, o que pode não ser uma renda suficiente para suprir todas as necessidades familiares.

4.2 Diagnósticos da pesquisa

4.2.1 Princípios solidários praticados na gestão do empreendimento solidário

Tendo em vista a importância dos princípios da Economia Solidária, buscaram-se investigar quais destes estão presentes na gestão do empreendimento econômico estudado e qual pode está se manifestando mais fortemente no dia a dia da organização. Atentou-se em entender como acontece a gestão do empreendimento, onde se constatou que não existe uma única dona do negócio, ou que exerça o papel de “chefe ou patroa”. No empreendimento é visível que todas as mulheres são as “donas” do negócio e participam diretamente da gestão das atividades desenvolvidas, como relata uma das participantes, sendo esta uma característica comum aos EES onde estes “não estão submetidos a qualquer autoridade externa ou interna à coletividade” (SINGER, SILVA & SCHIOCHET, 2014, p.3-4).

[...] a padaria é do grupo, e foi, foi assim concluído pelo grupo, foi assim construído pelo grupo [...] (VANDA).

Portanto, o princípio da autogestão é evidenciado nas falas das analisadas, corroborado com Singer (2002, p.21) quando este afirma que: “A autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica (necessária em si), mas o desenvolvimento humano que proporciona aos praticantes”.

As entrevistadas foram questionadas acerca de como são divididas as tarefas. Apurou-se que as mulheres trabalham de modo igualitário, participando de todo o processo produtivo, e, portanto, tem conhecimento de cada etapa. Isso ficou evidenciado nos depoimentos das entrevistadas a seguir.

Aqui na padaria todas faz um pouco, não tem atividade separada, todas se ajudam em tudo, não tem função separada não (RAIMUNDA).

Igualitária, todo mundo trabalha a mesma quantidade de horas semanais (SEVERINA).

De tudo eu participo, começo do pão ao bolo, bolacha, biscoito, tudo (SEBASTIANA).

Subsequente, perguntou-se como se dá a divisão dos ganhos, onde se percebe que estes são divididos por partes iguais e todas as mulheres que fazem parte do empreendimento recebem valores semelhantes. Do montante apurado com as vendas, tiram-se as despesas e o que sobra é dividido com todas.

Todas ganham, funciona igual aqui, tudo igual aqui, ninguém leva mais do que ninguém em nada, tudo é por igual (SEBASTIANA).

O ganho da gente na padaria é o que a gente, por exemplo, vende por mês, aquela quantidade tira todas as despesas e o restante é dividido pra o grupo por partes iguais (VANDA).

Em seguida indagou-se como são tomadas as decisões e pode-se verificar que todos os membros participam do processo, sendo consultadas e tendo suas opiniões levadas em consideração, como demonstra os relatos abaixo.

A gente sempre deixa bem claro, a gente não faz nada na padaria sem a consulta de todas, nunca a gente faz, sempre tem a maioria, sempre tem que tá presente pra dizer se isso pode ser feito ou não (VANDA).

Referente a padaria a gente tem reuniões mensais e no dia de uma decisão se já tiver passado a reunião, ou for coisa que não dê pra esperar pro dia da reunião, a

presidente convoca o grupo e a gente vem debater, vê o que é melhor, aprovar ou não, a gente se reúne em grupo também (RAIMUNDA).

E ainda, questionou-se se todas as participantes têm os mesmos direitos e deveres no empreendimento. A transcrição a seguir de uma das investigadas pode demonstrar como ocorre a participação das mulheres que participam do negócio.

Se eu tiver o dever de colocar esse tijolo aqui, todas as 16 também tem o direito de botar o mesmo tijolo. Se eu tenho o dever de chegar aqui as 6 horas da manhã, todas também tem o dever de chegar 6 horas da manhã. Aqui são compartilhados igualmente (SEVERINA).

Portanto, identifica-se que o princípio da democracia está presente na divisão das tarefas, na divisão dos ganhos e na tomada de decisão, bem como na isonomia de direitos e deveres, sendo todas são envolvidas em todas as atividades que são realizadas no empreendimento. Conforme Singer, Silva & Schiochet (2014) num empreendimento solidário todos tomam as decisões sobre vendas, compras, e outras operações que são comuns, sendo isto realizado de forma democrática, em reuniões com a participação de todos.

Perguntou-se ainda se existe cooperação entre elas, qual a vantagem e o que se ganha cooperando. Teve-se como resultado a partir das falas das analisadas que, estas veem a cooperação como ponto primordial para o crescimento e desenvolvimento do estabelecimento e que juntas são mais fortes. Nisso, o princípio da cooperação também se mostra presente no dia a dia da organização, onde todas as mulheres cooperam entre si para que ao final do processo possam obter bons resultados. Para Gaiger (2007) quando a Economia solidária se apoia na cooperação e na solidariedade permite o fortalecimento de seus membros, maior autonomia e confiança para agir.

[...] é um trabalho muito bom, porque eu não sei se eu seria capaz de tocar um empreendimento desse sozinha. Vamos dizer, quando junta todas, é uma força maior, até mesmo a questão de parcerias, de projetos, quando você se inscreve num projeto sozinho é muito difícil que ele seja aprovado, quando a gente se inscreve num projeto que beneficia várias famílias da comunidade, então ele tem uma facilidade maior de ser aprovado, tem uma visibilidade melhor por aquelas pessoas que estão querendo contribuir pra aquele trabalho. Então o trabalho coletivo é muito bom, na divisão de tarefas também, na divisão de atividades, na divisão de tudo assim, é bem melhor quando se fala em trabalho coletivo, mesmo sendo difícil é muito gratificante (CARMELITA).

A partir dos resultados é possível ainda afirmar que o relacionamento dessas mulheres vai além do ambiente de trabalho, e sendo assim relatam que sempre que necessário se apoiam umas nas outras. Pode-se dizer que as empreendedoras são solidárias, ou seja, ajudam umas as outras, e que o princípio da solidariedade se manifesta no negócio.

Além disso, pode-se averiguar que o empreendimento faz uso de uma tecnologia social, a energia solar, que é responsável por gerar a energia utilizada em todo o processo produtivo. Esta chegou ao empreendimento por meio de parcerias com organizações que trabalham com esse tipo de tecnologia e que apoiaram o negócio. Portanto, o princípio da responsabilidade ambiental é praticado no empreendimento, sendo este visto como ações que levam a construção de um ambiente sustentável. E ainda mais, pode-se verificar no local que existe um processo de reuso da água onde toda a água utilizada é aproveitada para outras atividades, evitando assim o desperdício.

Outros princípios da Economia Solidária estão presentes na organização, ainda que implicitamente, como a inclusão social, a geração de renda e a prática do preço justo. A inclusão social se dá por meio da possibilidade de incluir mulheres no mercado de trabalho, realizando uma série de atividades, e assim sendo ocorre paralelamente a geração de renda, uma vez que estas recebem um valor que ajuda a complementar a renda familiar. Já a prática do preço justo se dá pelo fato das mulheres relatarem que não cobram valores exorbitantes por suas mercadorias e optam por venderem a um preço que a comunidade possa pagar, pois não visam somente o lucro, mas o bem estar e a satisfação de seus consumidores.

Por fim, pode-se afirmar que os princípios solidários da autogestão, democracia, cooperação, solidariedade, inclusão social, geração de renda e a prática do preço justo são fortemente evidenciados no empreendimento, porém ressalta-se que o princípio da responsabilidade ambiental, por meio da utilização da energia solar, embora presente no negócio é visto primariamente como um método de redução de custos, e como afirmou a presidente do empreendimento não seria possível sustentar o negócio sem o uso desta tecnologia. A contribuição do uso da energia solar para o meio ambiente e para a própria comunidade parece ser visto como um benefício secundário, mas que efetivamente não deixa de contribuir de modo direto para a preservação ambiental.

4.2.2 Importância do empreendimento solidário para a comunidade e sua contribuição para a economia local

Buscando identificar qual a importância e a contribuição do negócio para a comunidade e para o incentivo da economia local, indagaram-se quais são as mercadorias produzidas e como são adquiridos os insumos para a produção. Como resposta, apurou-se que no empreendimento são fabricados uma diversidade de produtos como pães, bolos, bolachas, biscoitos, torradas e tortas.

No que diz respeito a aquisição de insumos para a produção, relatou-se que estes em sua maioria são comprados na cidade de Patos-PB em comércios do tipo atacado, com o objetivo de redução de custos na produção, mas que uma parte desses insumos são adquiridos em supermercados do próprio município, Pombal-PB. Logo, o negócio contribui para a economia local por meio da compra desses materiais, ajudando aos empresários da cidade e das circunvizinhas.

Concernente a contribuição do empreendimento para a comunidade (Várzea Comprida dos Oliveiras) e para a economia local, na percepção das entrevistas, esta acontece pela oferta dos produtos na localidade, o que permite que as pessoas que residem ali possam ter próximo a elas uma mercadoria de qualidade, produzida dentro dos padrões de higienização. Outras mulheres ainda apontam que o negócio deu visibilidade a região, sendo que a partir da abertura do empreendimento muitas pessoas e organizações influentes puderem conhecer a comunidade. Estas indicam também a geração de renda para as famílias que fazem parte do negócio.

[...] além de comprar um produto de qualidade, um produto que você chega na padaria e vê as mulheres tudo higienizadas, tudo com o curso que já receberam de como processar, a parte de higienização, todas fardadas, um ambiente limpo, um ambiente que não tem assim fluxo de contaminação (VANDA).

[...] é o que eu sempre eu digo, ou pouco ou muito que a gente ganha dentro da comunidade e passa pra comunidade ele gira, porque a mulher ganha um dinheirinho na padaria, vai na manicure da própria comunidade faz a unha, compra a batata ao produtor, compra o leite que é as pessoas aqui da comunidade, e compra outro produto, tipo a cenoura aqui, então assim... paga o motorista aqui, então assim é o dinheiro que rende na comunidade e que gera benefício na própria comunidade (CARMELITA).

[...] a chegada da padaria aqui na nossa comunidade foi um desenvolvimento maior pra nossa comunidade, coisa nova que ninguém nunca viu uma padaria no sítio né (RAIMUNDA).

Seguindo com os questionamentos propostos, perguntou-se como são comercializadas as mercadorias e se os moradores da comunidade costumam adquirir os produtos ofertados no EES. A partir dos resultados coletados identifica-se que a comercialização dos produtos é feita por meio da venda a própria população da comunidade e das comunidades circunvizinhas, onde a padaria é aberta ao público nas segundas, quartas e sábados.

E ainda, as mulheres participam da feira pública na cidade de Pombal-PB e da Feira da Economia Solidária que acontecem em dias distintos. Outro modo que muito contribui para a receita do empreendimento são as vendas realizadas para a merenda escolar das escolas municipais e estaduais do município, através do PAA, o Programa de Aquisição de Alimentos

da Agricultura Familiar. Evidencia-se então, a importância das políticas públicas no campo da Economia Solidária que contribui diretamente para a venda de alimentos produzidos por membros de comunidades e em empreendimentos econômicos solidários.

Para que o desenvolvimento solidário aconteça, é preciso que a comunidade saiba que poderá contar com o apoio de governos municipal, estadual e/ou federal. O apoio que o poder público pode aportar aos empreendedores de economia solidária tem diversas formas: assessoria técnica, formação profissional, abertura de crédito e assessoria para a constituição de bancos comunitários, fundos rotativos solidários e cooperativas de crédito, por exemplo [...] (SINGER, SILVA & SCHIOCHET, 2014, P.3).

Referindo-se a aceitabilidade dos produtos pela comunidade, o grupo de mulheres relata que a maior parte dos moradores (entre 90% a 95%) costumam adquirir com frequência a mercadoria, o que tem contribuindo para o sucesso do empreendimento.

Compram, compram. A maioria da comunidade compra. [...] a maioria, eu confesso que é 90 por cento da comunidade já hoje consome os produtos da padaria (VANDA).

Temos uma grande aceitabilidade. Eu acredito que de toda comunidade nós temos um 95 de aprovação né, de aceitabilidade (SEVERINA).

Abordou-se ainda na conversação acerca das melhorias que podem ser evidenciadas na vida das mulheres após a participação destes no EES. O trecho a seguir relatado por uma das entrevistadas demonstra essas mudanças.

[...] foram muitas. Primeiro uma das grandes mudanças que eu acho foi a descoberta desse potencial, né, da capacidade dessas mulheres, delas estarem... a valorização social ne, delas estarem envolvidas num projeto, delas estarem envolvidas num trabalho, elas sai de casa e com toda gratidão de dizer assim hoje eu vou trabalhar, é o meu dia de trabalhar. Primeiro essa valorização social tem contribuído muito para a autoestima delas, delas estarem aqui reunidas, e dizerem assim hoje eu tenho um trabalho, hoje eu tenho uma renda extra, entendeu?! (SEVERINA).

Na vida dos membros que fazem parte diretamente do empreendimento parece ter ocorrido elevação da autoestima dessas mulheres por meio da valorização social, onde estas podem contribuir para a renda familiar ao mesmo tempo em que estão inseridas no mercado de trabalho.

Sequencialmente a isso, perguntaram-se quais as mudanças e melhorias que são visualizadas na vida da comunidade, onde as mulheres falam da descoberta do potencial das participantes e novamente aponta a oferta dos produtos na própria comunidade, o que leva a

comodidade dos consumidores. Dizem ainda que os moradores da localidade sentem satisfação em terem sua comunidade reconhecida por muitas pessoas e por contribuírem com o grupo de mulheres. Desse modo, ocorre uma ajuda mútua, onde a população compra os produtos e possibilita a geração de renda e as mulheres contribuem dando visibilidade a comunidade e os ofertando mercadorias, e ainda, comprando bens e serviços de outros membros da comunidade, o que leva ao aquecimento da economia local.

[...] que antes a gente comia um pão quando a gente ia lá na cidade buscar, comia o pão de três dias depois, botava na sacolinha em casa e ficava dois, três pra comer esse pão. Hoje a comunidade tem esse benefício de chegar o fim tarde vim na padaria e levar um pão fresquinho, um pão do dia, entendeu, então assim são vários esses benefícios, essas mudanças que nós obtivemos (SEVERINA).

Uma padaria na zona rural é uma coisa nova que a gente nunca se viu né, e a gente vê a felicidade dos vizinhos da gente, da família, dos amigos, de vim comprar aqui nossos produtos, sabe que aquele produto é feito por nós, saber que é feito de uma forma certa, higienizado, e eles gostam muito e elogia a gente, e a gente fica gratificante por está satisfazendo nossa própria comunidade com o pão de cada dia né, na sua mesa, da própria comunidade, da família, isso um ajudando os outros (RAIMUNDA).

A partir das falas em evidência acima pode-se entender que o empreendimento tem sido motivo de contentamento para os que fazem parte da comunidade, e ainda que os que ali residem ao adquirirem os produtos fabricados por esse grupo de mulheres acabam por contribuir com a impulsão da economia naquela localidade, uma vez que o negócio é fonte de renda para muitas famílias e que com o ganho proporcionado a “dona de casa” esta pode aumentar o seu poder de compra, demandando por novos produtos e serviços.

Entende-se, portanto, que a importância e a contribuição do EES para as famílias da Comunidade de Várzea Comprida dos Oliveiras é gerar renda e possibilitar a inclusão de pessoas que anteriormente se encontravam fora do mercado de trabalho. Nisso, os ganhos evidenciados a partir do empreendimento estudado são múltiplos e refletidos não somente na vida das mulheres empreendedoras, mas também dos demais da comunidade.

4.2.3 Incentivos externos de apoio à gestão do empreendimento solidário e os principais desafios enfrentados

Com o objetivo de entender que tipos de apoio o EES recebe de outras organizações, questionou-se acerca dos incentivos ao negócio. Por meio dos relatos constatou-se que são muitos os apoios recebidos pelo empreendimento, desde a sua fundação. Foram destacados

pela presidente do EES os apoios municipal e estadual que atuam comprando os produtos para a merenda escolar e os demais estão expostos no quadro abaixo (Quadro 1).

Quadro 1: Apoios ao Empreendimento Econômico Solidário

Sigla	Nome	Tipo de Apoio
-	Casa da Economia Solidária	Atua prestando orientações às empreendedoras
CERSA	Comitê de Energias Renováveis do Semiárido	Doação de placas fotovoltaicas utilizadas na produção de energia solar
CEMAR	Casa de Educação Margarida Pereira da Silva	Realização de capacitações com o grupo
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba	Elaboração de projetos
PASC	Programa de Assistência Social de Cajazeiras	Acompanha o empreendimento desde a fundação desenvolvendo projetos junto com as mulheres.
STTR POMBAL - PB	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Pombal-PB	Orienta e realiza capacitações
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial	Oferece cursos de qualificação
UNIDADE TÉCNICA COC	Casa de Oswaldo Cruz	Doação do biodigestor
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande	Atua desde a junção do grupo de mulheres para atuarem no coletivo, dando orientações e ajudando em projetos.

Fonte: elaborado pela autora a partir da fala da presidente do empreendimento (2019)

Nota-se que o EES conta com incentivos, vindos, sobretudo de organizações públicas, o que confirma a importância das políticas públicas no campo da Economia Solidária e como estas podem transformar a realidade de empreendedores de comunidades rurais. Ressalta-se, no entanto que, conforme relatos, nenhum dos apoios recebidos é financeiro, mas de parcerias para compras dos produtos, de doações de equipamentos, de orientações para inscrição e elaboração de projetos que tragam benefícios para o empreendimento, de cursos de qualificação para o grupo aprimorar suas habilidades, dentre outros. Fica evidenciada então, como a contribuição destas organizações tem sido importantes para o sucesso do

empreendimento, e na percepção da presidente do estabelecimento não teria sido possível a abertura e a manutenção do EES sem estes apoios.

Com a finalidade de expor os pontos que necessitam serem melhorados para que se possam desenvolver as atividades econômicas solidárias de modo satisfatório, indagaram-se quais são os desafios e as dificuldades que o Empreendimento Econômico Solidário vivencia no seu dia a dia. Recordam-se da luta árdua para chegar a concretização do projeto de construção do estabelecimento, onde houveram muitas dificuldades, mas que por meio do trabalho coletivo se pode chegar a abertura do negócio.

Como grandes desafios, evidencia-se o mercado ainda restrito, o que não permite a entrada dos produtos fabricados. E ainda, fala-se no processo burocrático que dificulta a expansão dos produtos de empreendimentos econômicos solidários, bem como a falta de conscientização das pessoas que não valorizam a mercadoria e acabam não reconhecendo a importância do desenvolvimento da atividade, que não visa somente o lucro, mas também a valorização do ser humano. Na fala das analisadas, muitos não entendem que adquirindo um produto de um EES está beneficiando várias famílias. Os depoimentos apontam então, que existem vários desafios a serem superados no negócio, o que corrobora com Santos & Carneiro (2008, p.14) que afirma que a:

[...] atuação é vista com grande dificuldade por parte dos trabalhadores, ora por não terem formação para atuação em rede, ora pelas dificuldades técnicas e financeiras que prejudicam o envolvimento nas ações e discussões. Um outro desafio, e não somente para os EES, mas também para os demais atores envolvidos com a economia solidária, são as diferentes demandas que se apresentam no interior do movimento, que às vezes são vistas como lutas de outros movimentos e por isso descartadas como lutas da economia solidária.

O que se percebe é que as dificuldades apontadas pelas empreendedoras averiguadas parecem ser comuns a todo e qualquer empreendimento econômico solidário, onde os trabalhadores e outros envolvidos com a economia solidária vivenciam lutas constantes em busca de reconhecimento e incentivos a esse novo modelo de produção.

4.2.4 A participação das mulheres no empreendimento e o empoderamento feminino

Considerando a importante contribuição da Economia Solidária para a inserção das mulheres no mercado de trabalho e para sua independência financeira e emocional, questionaram-se as entrevistadas acerca das mudanças que ocorreram na sua vida profissional

e na pessoal após começar a participar do ESS. Estas disseram ter suas vidas melhoradas, uma vez que se sentem mais seguras e felizes por estarem atuando no mercado de trabalho.

Na vida profissional, observou-se que todas as mulheres analisadas (100%) sempre atuaram como agricultoras e que não exerceram outras atividades distantes da comunidade. Como mudança no campo profissional, estas apontam a possibilidade de aprendizagem por meio de treinamentos e capacitações, que as orienta para desenvolverem as atividades. E ainda, relataram da satisfação em complementar a renda familiar.

Indagou-se ainda se estas se sentem bem participando do ESS e realizando as atividades que desenvolvem. Todas as entrevistas (100%) dizem sentirem-se contentes no empreendimento, juntas do grupo e tendo a oportunidade de aprender coisas novas, inclusive a trabalhar em equipe, atuando na coletividade. Perguntadas se trocariam o trabalho realizado por algum outro, estas responderam em sua totalidade (100%) que não cogitam essa possibilidade e que desejam continuar atuando no negócio.

Percebe-se então que, o grupo de empreendedoras transformaram suas realidades a partir do trabalho que realizam em conjunto e que por meio deste puderem ter a oportunidade de adentrar o mercado de trabalho, o que tem sido fator de bem-estar das mulheres que atuam no estabelecimento. Conforme Santos & Carneiro (2008, p. 9): “A economia solidária é baseada em princípios e valores não capitalistas e, portanto, pode possibilitar transformações qualitativas dentro do sistema vigente”. Outros benefícios são evidenciados nas falas abaixo das próprias analisadas.

Eu acho que assim, eu não falo nem assim na renda, porque a renda assim, no meu ponto de vista, a renda é muito essencial, você ter uma renda onde você trabalha, mas o principal, o primeiro que me deixou e me deixa ainda hoje muito feliz é a questão do empoderamento, da independência da mulher, é tirar a mulher da... como tipo assim daquele questionamento que muita gente tinha que mulher era só pra tá em casa, que mulher é só pra cuidar dos filhos, cuidar do fogão, da cozinha...e ela tem o dia que ela sai pra padaria, é um sinal de inspiração, de motivação, de independência, de empoderamento, de inclusão social, da mulher ter uma renda e dizer: essa renda chega na minha família trabalhado por mim mulher, porque a gente ainda tem muito essa fragilidade, esse preconceito ainda existe, que a gente da casa, as coisas da casa tem que ser o homem e não a mulher. Então assim, isso pra o grupo foi muito bom pra que as mulheres sentirem o empoderamento, que elas são capaz de exercer um trabalho e fazer a diferença na sua família (VANDA).

Essa questão que eu falei da valorização, ela se sente hoje uma mulher mais capacitada, mais empoderada né. Então essa valorização social contribuiu muito para a autoestima das mulheres, e a questão de ter uma renda mesmo, de ter uma renda melhor, então elas vão ter um dinheiro pra ir no salão, se sente uma autoestima bem melhor ne (SEBASTIANA).

A partir dos relatos acima, pode-se afirmar que o empoderamento tem sido um dos principais ganhos deste grupo de mulheres, onde estas puderem ter seus talentos

reconhecidos, tornando-se donas de seus destinos. Conforme Buendía-Martínez & Carrasco (2013) empoderamento é quando as pessoas começam a ter conhecimento de suas capacidades e competências e assim passam a serem atores ativos na construção da cidadania e de melhorias constantes para as suas vidas. Portanto, o acesso ao mercado de trabalho possibilitado a essas mulheres, através do empreendimento solidário, tem gerado uma modificação no pensar e agir deste grupo, que percebem e atuam para transformar suas realidades e da sua comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve por objetivo analisar a participação e a gestão feminina em empreendimentos econômicos solidários, a partir de um estudo de caso na Padaria Comunitária Bolo das Oliveiras. O presente estudo permitiu mostrar que as mulheres que fazem parte do empreendimento econômico solidário estão desde o início participando do negócio, sendo estas em sua maior representatividade casadas, em sua maioria com idades acima de 40 anos, com filhos, com níveis escolares intermediários e residentes na própria comunidade, o que pode indicar que o negócio se constituiu num modo alternativo de obtenção de renda e transformação social.

Percebeu-se que o EES atua tendo por base os princípios da Economia Solidária, onde todos os membros participam de todo o processo, tendo seus direitos e deveres respeitados, e ainda, contribuindo para o bem estar da comunidade local e do meio ambiente. Podem-se identificar também mudanças na vida das mulheres que participam do empreendimento solidário e das pessoas da comunidade, onde ocorre uma transformação no que diz respeito a construção de uma identidade do grupo e do local, uma vez que a região tem ser tornado conhecida a nível nacional e internacional, sendo destaque por sediar um empreendimento gerido por um grupo constituído em sua totalidade por mulheres.

O estudo ainda permitiu visualizar a contribuição do negócio para o a impulsão da economia local, que ocorre através da inclusão social e da geração de renda das que fazem parte do EES. Essa renda que complementa a renda familiar possibilita a compra de bens e serviços, seja na própria comunidade ou na cidade, bem como em outras cidades circunvizinhas. Logo, o trabalho realizado no empreendimento solidário permite o aquecimento da economia da região, uma vez que oferece maior rendimento àquelas famílias.

Por meio desta pesquisa, apurou-se também que o EES recebe apoios de outras organizações e estes têm sido primordiais para a construção e o desenvolvimento das atividades no local, confirmando as políticas públicas através da ação do Estado, como importante passo para a disseminação da Economia Solidária e dos seus empreendimentos pelo mundo. Porém, o estudo ainda indica que o EES enfrenta desafios, como a burocracia e o acesso restrito ao mercado, o que demonstra que a gestão pública deve contribuir de modo mais concreto com os empreendimentos solidários, facilitando o processo de comercialização de seus produtos, por exemplo.

Quanto ao empoderamento proporcionado ao grupo de mulheres que atuam na Padaria Comunitária Bolo das Oliveiras, a pesquisa evidenciou a importância dos EES para a

construção de pensamentos e ações que inclua o gênero feminino no mercado de trabalho e que as expire nas atividades desenvolvidas. No caso estudado, é evidente que a partir do trabalho que realizam, e de modo coletivo, as mulheres tiveram sua autoestima elevada e se sentem mais seguras e capazes.

A pesquisa mostrou que o empreendimento se constitui como familiar, sendo que relatos das entrevistadas indicam que as funções exercidas pelas mulheres podem passar de geração em geração, porém, mantendo o grupo em sua totalidade constituído pelo gênero feminino, o que não permite, portanto, a inclusão de homens no empreendimento. Esses fatores apontam ainda a comunidade como espaço formado em sua maioria por parentes, o que facilita o processo de transição de funções.

Este estudo também demonstrou que a comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras se constitui como um espaço rico para o desenvolvimento de estudos posteriores, sendo que a localidade tem a produção de hortaliças agroecológicas como atividade principal, e sendo assim, é uma comunidade que contribui efetivamente para a conservação ambiental e melhoria da qualidade de vida da sociedade.

Ressalta-se o uso da tecnologia social (energia solar) utilizada no empreendimento e o reúso da água, o que pode culminar em trabalhos acadêmicos significativos e que apresenta relevância para o conhecimento das pessoas. Como contribuição da presente pesquisa para a sociedade, tem-se que a partir dela se pode dá maior visibilidade ao empreendimento e a comunidade, além de poder influenciar novas práticas, sendo que esta se constituiu como fonte promissora de bem estar social.

Portanto, conclui-se que o Empreendimento Econômico Solidário tem permitido as mulheres participarem e atuarem na gestão de negócios e no campo da Economia Solidária, o que vem confirmar esta como fonte alternativa de participação das minorias no mercado de trabalho. Na percepção das participantes, a gestão feminina se configura como algo realizado de modo mais cuidadoso, o que culmina em resultados mais satisfatórios. Pode-se então dizer que, a partir do empreendimento estudado, percebe-se que a Economia Solidária vem possibilitando a esse grupo a inclusão no mercado de trabalho, permitido o empoderamento destas mulheres. E ainda, tem-se que a comunidade tem tido acesso as políticas públicas, mas que o Estado precisa ainda investir de modo mais concreto neste campo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, P. Autogestão. In CATTANI, A. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Oficina Nacional de Formação/Educação em Economia Solidária: relatório final**. Brasília: SENAES/TEM, 2005.

BRUSCHINI, C. **Trabalho feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência na discriminação?**. 2000. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lasa98/Bruschini.pdf>>. Acesso em: 13 de Agosto de 2019.

BUENDÍA-MARTÍNEZ, I.; Carrasco, I. **Mulher, atividade empreendedora e desenvolvimento rural na América Latina e no Caribe**. Cadernos de Desenvolvimento Rural, 10(72), 21-45, 2013.

CARRASCO, Cristina. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. (Orgs.). Cadernos Sempre Viva. **A produção do viver**. São Paulo, nº 8, p. 11-43, dez. 2003.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CRUZ, L. A. **Construção da cidadania das mulheres trabalhadoras rurais no Piauí**. 2 ed. Piauí: Aliança, 2014.

CRUZ, Lindalva. Alves. CAVALCANTI, Ligia Maria Alves de. PESSOA, Lindovon Dias. Economia Solidária e gênero: reflexão teórico-prática. 2018. In: Lindalva A. Cruz [*et. al*] (organizadores). **Gênero e economia solidária: o fortalecimento das gestoras no sertão da Paraíba**. São Paulo: All Print Editora, 2018.

FARIA, N. Mulheres rurais na economia solidária. In: Butto, A.; Dantas, I. (Org.). **Autonomia e cidadania: políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011.

FAVARETO, Arilson. **Economia alternativa nos marcos do capitalismo, é possível?**. Revista FASE. Rio de Janeiro, ano 01, nº 03, OMNI Editoração, 2000.

FORMIGA, Nayara Vieira. **Organização do Espaço e Agricultura Familiar na Comunidade de Várzea Comprida dos Oliveiras no município de Pombal – PB**. 2015. Disponível em: <<http://www.cfp.ufcg.edu.br/geo/monografias/NAYARA%20VIEIRA%20FORMIGA.pdf>> . Acesso em 20 de Setembro de 2019.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Geografia do Brasil. Região Nordeste**. Rio de Janeiro: SERGRAF, 1977. Disponível em 1 CD.

GAIGER, Luiz Inácio. **A economia solidária diante das desigualdades**. Revista Dados, n. 3, v. 50, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Empreendedorismo no Brasil – Relatório Executivo (2013)**. Curitiba: IBQP, 2014.

GOMES, A.J. **Origem e evolução do cooperativismo no mercado e no Brasil e sua contribuição para constituir o segmento educacional brasileiro**. Linguagens, educação e sociedade: revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPI, Teresina, n.12,2005.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Banco nacional de dados sobre as cidades**.2013.Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=251210&search=paraiba|pombal>>. Acesso em: 23 de Agosto de 2019.

IPEA – **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Brasília, 2016.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. **As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil**. Palestra proferida na UNICAMP por ocasião do II Seminário de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares dia. 2002.

LIMA, Jacob Carlos. **“O trabalho autogestionário em cooperativas de produção: o paradigma revisitado”**. Rev. Brasileira de Ciências Sociais, Oct. 2004, vol. 19, no.56, p.45-62.

LIMA, Pavlova Christinne Cavalcanti. LACERDA, Sheylla Nadjane Batista. Formação e capacitação: ferramentas para o fortalecimento dos empreendimentos solidários. 2018. In: Lindalva A. Cruz [et. al] (organizadores). **Gênero e economia solidária: o fortalecimento das gestoras no sertão da Paraíba**. São Paulo: All Print Editora, 2018.

LISBOA, Teresa Kleba. **Gênero, Classe e Etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes**. Florianópolis: Ed. Da UFSC; Chapecó: Argos, 2003a.

MELO LISBOA, Armando de. **Economia solidária e autogestão: imprecisões e limites**. rae - Revista de Administração de Empresas, vol. 45, núm. 3, julio-septiembre, 2005, pp. 109-115 Fundação Getúlio Vargas São Paulo, Brasil.

OLIVEIRA, Adriana Lucinda de. **O processo de empoderamento de mulheres trabalhadoras em empreendimentos de economia solidária**. Florianópolis, 2004.

PARAÍBA. **Plano nacional da economia solidária do estado da Paraíba**. 2014.

PINTO, J. R. L. **Economia Solidária. De volta à arte da associação**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Aline Mendonça dos. CARNEIRO, Vanderson Gonçalves. **O movimento da economia solidária no Brasil: uma discussão sobre a possibilidade da unidade através da**

diversidade. E-cadernos CES [Online], 02 | 2008, colocado online no dia 01 dezembro 2008, consultado a 03 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1260> ; DOI : 10.4000/eces.1260

SANTOS, Boaventura de Sousa & RODRÍGUEZ, César. “Introdução: para ampliar o cânone da produção”, In: B. S. (org.), **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

SILVA, et al., **Descrição das Atividades Desenvolvidas nas Hortas Urbanas no Município de Pombal –PB**. In: Revista Verde, Pombal-PB, v.6, n.5,p 06-16, Dez.2011

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. “Economia Solidária: um mundo de produção e distribuição”. In: SINGER, P & SOUZA, A. R. **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____.A Economia Solidária no Governo Federal. Revista Mercado de Trabalho. Ipea. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2004. IN: Édi Benini ...[et al] (organizadores). **Gestão pública e sociedade: fundamentos e políticas públicas de economia solidária**. 1.ed. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SINGER, Paul. SILVA, Roberto Marinho A. da. SCHIOCHET, Valmor. Economia solidária e os desafios da superação da pobreza extrema no plano Brasil sem miséria, 2014. In: **BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome. O Brasil sem Miséria / Organizadores: Tereza Campelo, Tiago Falcão, Patricia Vieira da Costa – Brasília: MDS, 2014.**

SOUSA, Alecvan de França. **Análise da Sustentabilidade no Processo Produtivo de Hortaliças Realizado Por Agricultores Familiares na Comunidade de Várzea Comprida dos Oliveiras - POMBAL/PB**. 2014.133f. Dissertação (Mestrado em Sistema Agroindústrias) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar, Pombal PB, 2014.

SOUSA, V. A. **A Trajetória Política de Pombal**. Editora Imprel. João Pessoa-PB, 1999.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas,1997.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de estudo e de pesquisa em Administração / Liane Carly Hermes Zanella**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC; [Brasília]: CAPES: UAB, 2009.

APÊNDICE A - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA

Data da Entrevista ____/____/____

Nome da Associação: _____

Sigla: _____

PARA A LÍDER DO EMPREENDIMENTO (perguntas sobre o empreendimento no geral)

1. Nome: _____

2. Sexo: () Feminino 3. Idade: _____ 4. Escolaridade: _____

5. Estado Civil: _____ 6. Onde mora? _____

1. Há quanto tempo existe o Empreendimento Solidário?
2. Como surgiu? De quem foi a ideia?
3. Quantos membros participam do empreendimento? Onde residem? São em sua maioria homens ou mulheres?
4. O empreendimento já teve outro líder? Se sim, era do sexo masculino ou feminino?
5. Que mercadoria é produzida no ES? Como são adquiridos os insumos para a produção?
6. Como são comercializadas?
7. Como são divididas as atividades entre os membros?
8. Qual a renda (em média) obtida mensalmente?
8. Como são divididos os ganhos?
- 10 Como são tomadas as decisões no empreendimento?
11. O empreendimento recebe algum tipo de apoio, de incentivo...? SE SIM: Que tipo de apoio? Esse apoio vem da gestão pública?
12. Que mudanças e melhorias podem ser evidenciadas na vida dos membros após a participação destes no ES?
13. Que mudanças e melhorias são visualizadas na vida da comunidade?
14. Os moradores da comunidade costumam adquirir os produtos do empreendimento?

15. Vocês já pensaram em incluir algum homem no empreendimento? Por quê?
16. Em sua opinião, o empreendimento trouxe mudança na vida das mulheres que participam dele? De que maneira?
17. Por que cooperar? Qual a vantagem de cooperar? O que ganham cooperando?
18. Existe no empreendimento uma preocupação ambiental? De que maneira isso é evidenciado?
19. Quais são os desafios e as dificuldades que o empreendimento enfrenta?

**PARA SER APLICADO A CADA MEMBRO DO EMPREENDIMENTO
INDIVIDUALMENTE**

PARTE I: Perfil Socioeconômico

1. Nome: _____
2. Sexo: () Feminino 3. Idade: _____ 4. Escolaridade: _____
5. Estado Civil: _____ 6. Onde mora? _____

PARTE II: Perguntas Norteadoras da Pesquisa

1. Há quanto tempo participa do empreendimento solidário?
2. Que atividade/função exerce dentro do empreendimento?
3. Exercia alguma atividade remunerada (ou não) antes de começar a trabalhar no empreendimento solidário? SE SIM a questão anterior: Qual atividade exercia?
3. Como começou a trabalhar no empreendimento? Há quanto tempo trabalha aqui?
5. Qual a renda mensal (em média) obtida?
6. Além de você, alguém mais trabalha na sua casa? Quem? Quanto ganha em média?
7. Que mudanças ocorreram na vida profissional após começar a participar do ES? E na vida pessoal?
8. Sente-se bem participando do ES e realizando a atividade que desenvolve?
9. Quantos dias trabalha na semana?
10. O que acha da entrada de novos participantes no empreendimento?
11. Existe cooperação entre vocês? (todos se ajudam)
12. Por que cooperar? Qual a vantagem de cooperar? O que ganham cooperando?
13. Você acha que todos os participantes do empreendimento têm os mesmo direitos e deveres?
14. Você trocaria o seu trabalho aqui no empreendimento por outro, em outro lugar? (numa empresa, por exemplo)
15. O que destaca no trabalho realizado diariamente em conjunto com os demais membros? (Todos se ajudam, todos participam de todo o processo...)

APÊNDICICE B - FOTOS *IN LOCO*

Foto 1: Grupo de Mulheres que participavam do EES inicialmente



Fonte: Francisca dos Santos Lopes, 2019

Foto 2: Prédio da Padaria Comunitária



Fonte: Fonte: Francisca dos Santos Lopes, 2019

Foto 3: Mulheres na Produção



Fonte: Fonte: Francisca dos Santos Lopes, 2019

Foto 4: Mulheres na Produção



Fonte: Francisca dos Santos Lopes, 2019

Foto 5: Mulheres na Produção



Fonte: Francisca dos Santos Lopes, 2019

Foto 6: Mulheres na Produção



Fonte: Francisca dos Santos Lopes, 2019